

GONÇALVES VIANA

J.J. Nunes

Eis um nome ignorado da maioria do nosso povo, que, à falta de instrução, quase que apenas conhece os que delecta nas gazetas das várias cores políticas, e todavia muito apreciado lá fora, onde se lê e presta culto ao estudo e saber.

Nesta Lisboa onde viveu e morreu, a não serem os raros apreciadores do seu talento, poucos o conheciam, porque ele, com a modéstia do verdadeiro sábio, nunca armara à popularidade, antes sempre dela fugira, quicá quantas vezes enojado dos que, absolutamente desprovidos de recursos intelectuais, a captavam por todas as formas e processos, com a mira exclusiva no próprio engrandecimento, envolta embora na máscara da mais completa abnegação. E a prova do que afirmo está neste fato tristíssimo: raros foram os diários que a ele se referiram por ocasião do seu falecimento e os que o fizeram contentaram-se apenas com uma breve local, e no entanto enchem ordinariamente colunas e colunas a propósito de mortos que dele distaram imenso pelo lado científico e só se distinguiram pela perícia na arte de *saber viver*.

E bem justificado era o apreço em que o tinham os nacionais que o conheciam e os estrangeiros que encomiavam os seus trabalhos, porquanto Gonçalves Viana ao conhecimento prático de grande número de idiomas, dos quais falava muitos com perfeita correção, tão perfeita que por vezes chegava a passar aos olhos dos próprios que os haviam aprendido na sua infância por oriundo dos seus países, reunia o científico, sendo, a par de não vulgar poliglota, distintíssimo foneticista, como o comprova entre outros o seu livro intitulado *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*, no qual revela observação perspicacíssima e rara aptidão auricular com que descobre nos sons matizes variados que a outros de menor agudeza passam despercebidos. Este notável trabalho, que Gonçalves Viana destinara como *memória* à Xª sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas que devia reunir-se em Lisboa no ano de 1892, é ampliação de outro por ele publicado em 1883 na revista francesa *Romania*, sob o título de *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, o qual por sua vez havia sido precedido de dois magníficos artigos que, acerca dos *Cantes Flamencos* de H. Schuchardt, publicara no ano anterior no

Positivismo (IV ano, nºs 1 e 2); com os dois últimos iniciara, por assim dizer, o seu autor o estudo científico da fonética fisiológica entre nós, a exemplo do que já se praticava nos centros de mais intensa cultura, e enfileirara brilhantemente ao lado de especialistas como Sweet, Sievers, Brücke, Storm e outros, atraindo sobre si as atenções de todos os homens de ciência, dentro do país e no estrangeiro.

Foi em volta deste eixo – a língua considerada sob os dois aspectos, fisiológico e literário – que giraram do primeiro ao último os trabalhos de Gonçalves Viana, estudando-a quer na sua fonética, quer no seu léxico, sempre em dia com os progressos da ciência, para o que estava magnificamente armado com a sua poliglota, em especial com o conhecimento das línguas inglesa e alemã. Essa sua predileção revela-se ainda em trabalhos seus de caráter não específico, como são as excelentes seletas que, referentes ao ensino destas línguas e da francesa, coordenou para as escolas e liceus, enriquecendo-as de notas preciosas pelo que ensinam e esclarecem.

Desta sua predileção, que lhe granjeou o conceito, de que justamente gozava, de autoridade em matéria de fonética da língua, e do conhecimento que possuía do português nas suas fases, antiga e moderna, nasceu a sua divergência da ortografia então em uso – divergência que manifestara desde que publicara os seus primeiros estudos sobre fonética e depois continuara a manter, defendendo-a por forma verdadeiramente magistral no livro que com o nome de *Ortografia Nacional* deu à estampa em 1904, no qual mais uma vez afirmou os seus dotes de glotólogo distinto e erudito não vulgar – e empenho em que se voltasse ao antigo modo de escrever, tão simples quão correto, empenho que teve a satisfação de ver realizado, quando, por portaria de 1 de setembro de 1911, o Governo aprovou as resoluções tomadas acerca das “bases da ortografia que deve ser adotada nas escolas e nos documentos e publicações oficiais” por uma Comissão de que ele fora, por assim dizer, a alma entusiasta, mas ao mesmo tempo justa e transigente em geral com qualquer discrepância do seu modo de ver que uma ou outra vez no seio dessa Comissão se levantou.

Afora os volumes que publicou, sempre sob a mesma orientação, bastantes artigos, não menos instrutivos e reveladores do seu profundo saber, inseriu Gonçalves Viana nalguns periódicos, entre os quais sobressai a *Revista Lusitana*, onde colaborou com maior ou menor assiduidade desde o primeiro volume até o décimo quarto em que saiu o seu trabalho a respeito de *Lexicologia*, provavelmente o último que a sua pena escreveu. Homens da envergadura intelectual e moral de Gonçalves Viana são gloria da nação que os viu nascer e exemplo eloqüente aos vindouros, que os devem tomar por modelos, forcejando por seguir-lhes as pisadas, em proveito próprio e honra sua e do país de que fazem parte.

É sóbrio e simples em demasia o que aí fica dito, especialmente tratando-se de tão distinto estudioso, mas se por um lado não foi intenção minha pôr em relevo o seu merecimento, visto como outros melhor do que eu saberia fazer o têm feito, por outro não quis furtar-me à justa homenagem que a Academia das Ciências de Lisboa presta a um dos seus membros mais ilustres e que melhor a honraram.

J.J. Nunes